
BOTTÉRO, J. *L'Epopée de Gilgamesh. Le grand homme qui ne voulait pas mourir.* Traduit de l'akkadien et présenté par Jean Bottéro. Paris: Gallimard, 1992, 195 p..

Desde que as descobertas de Austen H. Layard, Hormuz Rassan e George Smith, nos meados do século passado, trouxeram a lume, das ruínas do templo de Nabu e do palácio de Assurbanípal, em Nínive, as tábuas que constituem o corpo principal da "redação ninivita" da *Epopéia de Gilgamesh*, esta obra magnífica tem fascinado os estudiosos e os amantes da literatura em todo o mundo. George Smith inicialmente concentrou a atenção no relato do Dilúvio aí encontrado, mas foi o primeiro a religá-lo ao conjunto que integra: o das doze tábuas da referida versão da gesta do Rei de Uruk. Este é o contexto básico inicialmente definido; todavia, logo ficou claro que, nessa versão, a epopéia propriamente dita se encerra no episódio registrado na undécima tábua (justo a que contém a história do Dilúvio), sendo a décima segunda um acréscimo posterior. Smith publicou fragmentos desse poema épico, como tal já reconhecido, no volume IV, datado de 1975, da famosa coletânea organizada por Rawlinson, *The Cuneiform Inscriptions of Western Asia*. A publicação foi o marco inicial de uma rica série: testemunha o começo de pesquisas em que têm colaborado eruditos de todo o mundo, com vistas ao resgate de uma obra prima. Desde então têm aparecido muitas traduções da *Epopéia de Gilgamesh* em inglês, francês, alemão, italiano, russo, holandês, sueco, dinamarquês, finlandês, tcheco, georgiano... O progresso das descobertas arqueológicas e a sucessão de edições críticas de fragmentos têm feito com que elas se renovem e ultrapassem continuamente, enriquecendo-se, também, com o avanço geral dos conhecimentos assiriológicos. Aliás, o volume da bibliografia dedicada de modo específico a esse poema é hoje considerável, e cresce sem cessar.

A tradução de Jean Bottéro, um dos mais renomados assiriólogos da atualidade, é valiosa não apenas pela riqueza dos novos aportes que compreende, dos achados que incorpora,

mas ainda por sua transparência crítica, isto é, pela clareza com que indica os procedimentos da reconstituição e leva em conta a intrincada peripécia da história do poema: suas diversas configurações e reconfigurações, por assim dizer. Deste modo, embora destinado aos não especialistas, neste livro transparecem o trabalho criterioso e a madura reflexão de um *savant* com pleno domínio de seu vasto campo de estudos. Isto manifesta-se já na ordenação dos textos traduzidos, apresentados com um profundo senso de perspectiva histórica. É esta uma vantagem que a tradução de Jean Bottéro leva sobre muitas outras, sobre notáveis trabalhos de eruditos empenhados em recuperar para os olhos modernos a *Epopéia de Gilgamesh*.

Sempre convém evocar a respeitada obra de Alexander Heidel, *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels*, cuja primeira edição, pela University of Chicago Press, é de 1946. Antes da tradução propriamente dita, seu autor alinha observações introdutórias que arremata assim (cf. p. 16 da quarta edição, de 1963): "As pieced together on the basis of the various fragments of the different versions, the story reads as follows...".

Dito isso, ele passa aos textos épicos, que entretece num só conjunto.

É certo que antes, sustentando ter sido o poema composto por volta de 2000 a.C., com material muito mais antigo, Heidel declara-o formado por episódios outrora independentes, e adverte que de modo algum "all the episodes now contained in this work were incorporated at the time when the Gilgamesh Epic was first composed...". Apesar desta advertência, e das notas em que assinala as edições dos documentos compilados, o fato é que a *Epopéia de Gilgamesh* encontrável no Capítulo I de seu livro resulta em conjunto artificial, capaz de induzir os leitores a um equívoco. Os mais desatentos imaginarão um arquétipo ao qual remeteria, em última instância, "this work"; porém mesmo os mais cuidadosos podem deixar-se enfeitiçar pelo acabamento da epopéia assim reconstituída num grande bloco.

Também na notável tradução de A. Speiser, por sinal uma das mais conhecidas, por conta de sua publicação no ANET (*Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*. New Jersey: Princeton University Press), uma famosa coletânea já com muitas edições, a Epopéia é reconstruída: por uma "montagem" que ordena os diversos textos resgatados (sempre, é claro, com a indicação das fontes, referida a sua procedência) segundo uma ordem de sucessão dos episódios inferida, ou conjecturada, a partir da comparação das versões maiores. Deste modo, à Tábua I da "edição de Nínive" segue-se aí a Tábua I da versão paleobabilônica — intercalando-se, como que à margem, um fragmento de uma versão condensada hitita; e assim por diante. O procedimento, a rigor, não é incorreto, dado que as referências filológicas e históricas são cuidadosamente fornecidas; mas o resultado final pode sugerir, pelo menos ao leigo, uma feitura uniforme em que a história do poema (história legível através da análise da distribuição espaço-temporal dos testemunhos resgatados e do estudo das correspondências e discrepâncias entre eles) não autoriza a crer.

Vou lembrar só mais um outro trabalho, também precioso. Na sua bela tradução germânica, o sábio A. Schott (*Das Gilgamesh Epos*. Stuttgart: Reclam, 1958) chega a apresentar como uma espécie de proêmio da epopéia uma "reconstituição" que elabora a partir de uma passagem de Eliano: a anedota de Gílgamos, contada no *De natura animalium* (XII, 21), livro datável de cerca do ano 200 de nossa era. O ilustre assiriólogo reescreve essa história em versos, imitando o estilo das composições poéticas mesopotâmicas.

O procedimento adotado por Jean Bottéro em sua tradução afigura-se muito mais prudente, criterioso e esclarecedor. Ele começa por apresentar a versão mais completa da Epopéia, a ninivita, assim chamada porque a maior parte dos fragmentos que a compõem foram encontrados em Nínive (todavia muitos outros, depois religados à mesma versão, vieram a ser exumados em diferentes sítios, como Assur, Nimurd, Babilônia etc.).

Embora os documentos corresponden-

tes se situem ao longo de um vasto período (desde o século IX até cerca de 250 a.C.) e tenham sido encontrados em diversas localidades mesopotâmicas, a comparação lingüística e estilística, a análise das correspondências temáticas e formais "présentent uniformément un texte quasi invariable". Isso faz pensar numa redação inovadora, uma "edição" criativa em que o poema foi reconfigurado, por volta de metade do segundo milênio, por um letrado (Sînleque'uninni?). Uma clara unidade de ação informa o conjunto assim reconhecível — e torna fácil reconhecer que a Tábua XII foi-lhe agregada depois, como uma espécie de suplemento: segundo hoje se sabe, graças, sobretudo, a Samuel Noah Kramer, seu texto corresponde, na verdade, à tradução acadiana de um poema sumeriano, uma das sagas do ciclo de Gilgamesh. Bottéro a apresenta na seqüência consagrada, ao fim da versão ninivita, mas como uma variante justaposta, "autre version de la mort de Enkidu".

A seguir, ele dá a tradução dos textos correspondentes à chamada versão antiga, ou paleobabilônica, da Epopéia: os documentos conhecidos como *Tábua de Filadélfia* e *Tábua de Yale* (pelo nome das Universidades onde se encontram), aos quais se somam os fragmentos "de Bagdá" e "de Chicago", a peça "de Berlin" e a "de Londres". Ditos testemunhos, por seu conteúdo, se alinham logicamente nessa ordem, conforme a clara seqüência de episódios a que se referem: pode-se mostrar, com efeito, que "ces débris supposent une histoire suivie: l'état original de l'épopée...". Ou seja, por mais fragmentários que se achem, tais escritos (ou antes seus despojos) assinalam irresistivelmente, até pelo modo como se interligam e combinam no verdadeiro *puzzle* da reconstituição, "*une oeuvre unique, cohérente, de longue haleine et de large horizon*" (p. 42).

Por fim, Bottéro dá a tradução de testemunhos que considera remanescentes de diversos arranjos baseados na "versão antiga" da Epopéia, como adaptações ou "reedições" dessa versão, assinaladas por algumas mudanças, por certa variação. Convém lembrar que a fidelidade hoje exigida na reprodução de textos literários não se impunha do mesmo jeito

na época: admita-se a intervenção criativa do escriba. Esses arranjos, incluindo condensações e traduções, foram elaborados entre 1600 e o fim do segundo milênio, ou seja, num período anterior à redação da "versão ninivita". Os documentos que os representam, encontrados quase todos fora da Mesopotâmia (como é o caso dos fragmentos de Emar, de Meggigo, de Hattush), mostram a extraordinária difusão da *Epopéia de Gilgamesh* no mundo antigo, no Oriente Próximo: a rigor, desta série de textos apresentados por último na tradução de Jean Bottéro, apenas a chamada *Tábua de Ur*, conforme seu nome indica, foi exumada em sítio mesopotâmico; e o estudioso hesita entre a possibilidade de ligá-la à "versão antiga" e a hipótese de sua articulação com a "versão ninivita" da grande epopéia.

A Introdução de *L'Epopée de Gilgamesh* traz informações sucintas sobre a história da civilização mesopotâmica, assim como sobre a figura do herói do poema e sua importância tradicional. A propósito, lembra Bottéro que o nome de Gilgamesh consta da famosa Lista Sumeriana dos Reis, como quinto monarca da primeira dinastia de Uruk, e a existência histórica deste soberano é considerada provável, mas ele tornou-se um personagem legendário e veio a ser, inclusive, divinizado.

Ainda na parte introdutória, o autor trata brevemente dos poemas épicos sumerianos que têm esse Rei de Uruk como personagem central: *Gilgamesh e Aga de Kish — Gilgamesh e Huwawa — Gilgamesh, Enkidu e os Infernos — A Morte de Gilgamesh*; depois aborda a história da *Epopéia de Gilgamesh* propriamente dita, esboçando o processo de sua constituição. Conclui com algumas observações sobre a sua redescoberta, a forma e o estado dos documentos em que ela chegou até nós, e a maneira como, neste livro, os textos são ordenados e apresentados. Então explica, também, com excelentes razões (p. 59-59), por que a tradução os alinhou na ordem já referida.

Num curto epílogo, Bottéro aborda um paradoxo que, como diz, nunca fora antes acusado: a divinização do homem que a epopéia descreve como protagonista de uma busca desesperada e inútil de imortalidade. Esta

divinização pode-se ler em filigrana no próprio texto da epopéia, pois o nome de Gilgamesh vem sempre precedido por um signo cuneiforme que, antecedendo um nome próprio, caracteriza-o como um teônimo. Bottéro considera este paradoxo apenas aparente, pois se os antigos leitores da epopéia assim tinham indiretamente confirmado, por seu texto, que Gilgamesh veio a ser por fim divinizado, ele mesmo não podia prever nem esperar que, depois do completo fracasso de sua busca de imortalidade, receberia dos deuses a graça da qual desesperou. Isto leva o estudioso a uma reflexão — todavia muito breve — sobre os temas da amizade e da morte, desenvolvidos de forma tocante na *Epopéia de Gilgamesh*.

Enriquece a tradução de Jean Bottéro a lucidez com que ele divisa e manifesta o fundamento, o ponto de partida de seu belo trabalho. Quem traduz este poema tem de arrancar de uma hipótese acerca de sua constituição. A hipótese fundante nem sempre se explicita, ou se acha argumentada, nas obras que se propõem a transpor para as línguas modernas o antigo *épos*; em alguns casos, não parece muito consciente. Mas, afinal, é preciso logo de início decidir o que se entende por *Epopéia de Gilgamesh*, refletir sobre sua gênese e configuração. Ora, o leitor comum a que Bottéro destina seu livro pode facilmente perceber como ele concebe a epopéia, sua origem e suas transformações, apesar de o grande assiriólogo não se referir aí aos debates eruditos sobre o assunto.

A rigor, talvez ele seja muito lacônico no que tange ao problema das fontes sumerianas: adotando o ponto de vista que hoje prevalece, todavia deixa de explicar os motivos. Poderia referir-se às teses opostas de Langdon e Kramer, explicando porque, no caso, concorda com este último, numa tácita tomada de posição — pois Bottéro admite, como Kramer, a pré-existência de um ciclo épico sumeriano de Gilgamesh, com poemas não interligados; mas rejeita a hipótese de Langdon, de um protótipo sumeriano da *Epopéia de Gilgamesh*. Por certo, o progresso das pesquisas não tem confirmado esta última hipótese: antes corrobora a visão de Kramer. Mas haverá quem pense que

o problema oferece outras possibilidades de apreciação — como L. Matous sugeriu, há tempo, num interessante artigo intitulado "Les rapports entre la version sumérienne et la version akkadienne de l'Épopée de Gilgamesh", publicado numa coletânea de estudos organizada por P. Garelli (*Gilgamesh et sa légende*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1960).

Bottéro torna claro que pressupõe dois momentos axiais, em que poetas letrados, trabalhando com um vasto material de sagas de origem sumeriana (transcritas lá pelo fim do terceiro milênio) deram forma à epopéia: (I) o autor da versão paleobabilônica, na Época de Hamurabi (1750-1600), conferiu uma unidade dramática à "matéria de Gilgamesh", reunindo e interconectando elementos de sua legenda num todo único; depois, entre 1600 e 1100, esta obra circulou pelo Oriente Próximo, modificando-se mais ou menos e acolhendo variantes episódicas na sua acidentada difusão; (II) no começo do primeiro milênio, outro poeta (digamos, em respeito à tradição que guardou este nome, Sînleque'unnenî) *made it new*. A nova versão difundiu-se num amplo raio, e por um período de tempo vastíssimo, como atestam os despojos espalhados de sua brilhante irradiação.

Bottéro tem em mira, portanto, um longo processo de variada, polifônica, múltipla criação épica, em que formas tradicionais e letradas convivem, atravessando uma história tumutuada e rica, num amplo espaço e numa duração de milênios; indica momentos fulgurantes deste processo e momentos que, por vezes, pesadas sombras de olvido só nos deixam entrever. Assinala os pontos mais iluminados em que uma árdua pesquisa consegue divisar diferentes construções da epopéia — e as expõe sem as confundir. Creio que sua escolha é a mais inteligente: supera em muito a perspectiva das traduções monobloco.

Posto logo em contacto com a versão mais completa, a ninivita, e a seguir com a "paleobabilônica", o leitor tem liberdade de compará-las, pesar as diferenças, imaginar a transformação. O tradutor oferece-lhe instrumentos de crítica, chama-o a pensar sobre as dificuldades da desocultação do poema; e dá-

lhe uma clara percepção do caráter aproximativo do quadro em que busca revelar a imagem da grande epopéia. Consegue retratá-la com sóbria elegância, revivendo a paixão de um sonho imortal.

ORDEP SERRA

Departamento de Antropologia
Fac. de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia

*LEXICON ICONOGRAPHICUM
MYTHOLOGIAE CLASSICAE*. Vol. VI:
KENTAUROS, KENTAURIDES — OIAX.
2 vols. In VI^o, encadernado. Vol. I texto,
V-XXX - 1091 p., vol. 2 pranchas, 772 p.
com 718 pranchas. Zürich-München:
Artemis Verlag, 1992.

O *LIMC VI* foi publicado no final do ano de 1992 e compreende os verbetes que vão de *KENTAUROS* e *KENTAURIDES* a *OIAX*, além de um adendo significativo contendo *HEKATE*, *HEROS EQUITANS*, *KAKASBOS* e *KEKROPS*. Entretanto, os verbetes para *KENTAUROI* e *KENTAURIDES* não aparecem neste volume, pois serão publicados em um suplemento do *LIMC VI*: o volume abre-se, então, com *KEPHALOS*.

À primeira vista, o volume VI pode ser caracterizado pelo agrupamento de personagens ou episódios míticos que, de um certo modo, são tão populares hoje assim como eram na Antigüidade, já que nele se apresentam episódios míticos de destaque como o de Leda e o Cisne, a Loba romana com os gêmeos Rômulo e Remo, o matricídio de Orestes, Medéia assassinando os próprios filhos e a morte de Narciso ao se contemplar nas águas bem como, personagens como Cérbero, Ciclopes, o grande deus Cronos, o Minotauro, as Musas e o consagrado Odisseu.

Dentre as representações bastante populares, no sentido de serem produzidas em grande quantidade e/ou veiculadas em diver-